



MEMÓRIAS DE GARÇONS PEDRO-SEGUNDENSES NA SÃO PAULO OITENTISTA: entre redes de migração e exploração



Raiane Melo Brito¹

Artigo recebido em: 18/01/2025.

Artigo aceito em: 29/05/2025.

RESUMO:

Este artigo aborda a experiência de migrantes de Pedro II, município rural ao norte do Piauí, que se deslocaram para São Paulo, na década de 1980, através do trabalho como garçons. Visto que a migração não ocorre somente por questões econômicas e climáticas, mas como prática social e projeto familiar dos trabalhadores (Durham, 1978), a perspectiva é compreender a agência dos sujeitos (Fontes, 2008), em suas motivações e estratégias elaboradas nas redes migratórias (Menezes, 2002). Tudo isso em meio ao espaço da metrópole e dos restaurantes, lugares repletos de estigmas, desigualdades e exploração, que os colocam na categoria de *outsiders* (Elias; Scotson, 2000). Para relatar as situações sociais e do trabalho, utilizamos a metodologia da História Oral e entrevistas semiestruturadas com migrantes retornados.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Migração; Trabalho; Redes; Piauí.

Memories of waiters who migrated from Pedro II to São Paulo in the 1980's:
between migration networks and exploitation

ABSTRACT:

This article addresses the experience of migrants from Pedro II, a rural municipality in the north of Piauí, who moved to São Paulo in the 1980s, working as waiters. Since migration occurs not only due to economic and climatic factors, but also as a social practice and a family project for workers (Durham, 1978), the perspective is to understand the agency of the subjects (Fontes, 2008), their motivations, and the strategies developed within migration networks (Menezes, 2002). This all takes place within the space of the metropolis and restaurants, places filled with stigma, inequalities, and exploitation, that position them in the category of *outsiders* (Elias;

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3069524442600375>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5905-2370>. E-mail: raianemb@aluno.uespi.br. Membro do Núcleo de Documentação e Estudos em História, Sociedade e Trabalho - NEHST UESPI.

Scotson, 2000). To report on the social and labor situations, we use the methodology of Oral History, conducting semi-structured interviews with returning migrants.

KEYWORDS: Memory; Migration; Work; Networks; Piauí.

1. Introdução

Migrar em busca de melhores condições de vida faz parte da trajetória de muitos trabalhadores da região Nordeste, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Devido à mecanização do campo e ao êxodo rural, famílias camponesas foram, e ainda continuam sendo fragmentadas em direção às regiões urbanas do país, alterando intensamente o cenário demográfico da população brasileira.

Em Pedro II, município rural com cerca de 38 mil habitantes², localizado no norte do Piauí, sair de casa rumo à metrópole de São Paulo, aos 18 anos, é uma prática social comum entre os jovens, atravessando gerações desde meados das décadas de 70 e 80. O fluxo intenso, já conhecido da região, é caracterizado por ter como destino o trabalho como garçons em restaurantes da alta gastronomia paulistana. O retorno ocorre após longos anos em busca do sucesso financeiro, que pode ou não se concretizar, colocando fim ao projeto familiar.

Muitos estudos acerca dos movimentos migratórios, ou até mesmo de jornais, da literatura e cinema brasileiro do século XX, retratavam quem decidiu partir do seu lugar de origem, sobretudo no eixo Nordeste-Sudeste, como “sujos errantes”. Sendo migrantes condicionados estritamente por questões econômicas e políticas, como a fome e a seca, junto da representação social acerca do homem sertanejo e seu modo de vida, atravessado pelo sofrimento e desejo de superação (Albuquerque, 2011). Entretanto, sabemos que este imaginário e motivações não nos servem para compreender o dinamismo do amplo fenômeno social.

Quando analisamos estudos sociais e demográficos sobre o Brasil, como o de Martine (1994), a década de 1980 retrata o uso do espaço que se caracterizou por mudanças extremamente importantes, embora menos conhecidas.

² Segundo dados do Censo IBGE em 2022.

É consenso de que a década de 80 foi, para o Brasil, a de pior desempenho econômico da história moderna. Chamado de “década perdida”, o período entre os dois últimos censos foi marcado por uma prolongada estagnação e empobrecimento. Várias políticas econômicas inovadoras foram experimentadas, mas, no conjunto, estas apresentaram poucos sinais de sucesso. Como a distribuição espacial da população reflete as características da atividade econômica, é inevitável que a crise tenha deixado suas marcas - embora nem sempre estas sejam muito claras - sobre os padrões recentes de redistribuição (Martine, 1994, p. 39)

Com o cenário de instabilidade econômica junto ao direito à terra negado, e o meio de vida rural cada vez mais fragilizado, o fenômeno da migração rural-urbano se espalhou pelo país. O estado do Piauí sofreu pelos problemas econômicos nacionais e continuou a penar em relação à seca e à falta de alimentos no sertão. Como resultado, manteve-se uma aguda crise espacial na sociedade do campo, que impulsionou os deslocamentos para as regiões industrializadas do país, com ênfase à Região Sudeste, seguindo os caminhos das décadas anteriores³.

Segundo Santos; Silveira (2008),

Em 1980, 11,5 milhões de famílias não dispunham de terra ou já não sobreviviam em pequenas propriedades. Isso significa que um terço da população, cerca de 40 milhões de pessoas, estava em permanente migração, tentando fixar-se no campo, mas frequentemente não conseguindo. É um novo patamar do êxodo rural, devido a uma combinação explosiva da estrutura fundiária arcaica em zonas agrícolas tradicionais e da modernização capitalista do campo em zonas dinâmicas e em áreas de colonização agrícola e de ocupação recente (Santos; Silveira, 2008, p. 213)

Entretanto, a escolha de migrar, para além do cenário econômico e político, implica um conjunto de fatores sociais, que devem ser contrabalanceados para analisar as suas motivações, percorrendo também questões morais, transfigurando a migração não como uma condicionante, mas sim experiência, por meio de um projeto de vida

³ Vale destacar que, na década de 1980, houve um aumento no movimento de retorno de migrantes da região Nordeste que viviam em São Paulo, devido ao alto custo de vida, à crise econômica e ao desemprego. Além disso, o movimento que prometia um “novo Eldorado” por meio da exploração dos garimpos passou a atrair migrantes em direção às regiões do Norte do país. Segundo dados do Censo de 1991 do IBGE, São Paulo perdeu peso relativo na distribuição da migração nacional: em 1970, concentrava 33,9% dos migrantes, percentual que caiu para 25,2% em 1980. Entretanto, apesar da redução no volume de migrantes, o estado continuou sendo o principal destino de atração de mão de obra industrial no país. Entre os anos de 1981 e 1991, os deslocamentos de piauienses para São Paulo somaram 26.004 migrantes.

que possui uma ampla organização ainda no contexto rural de origem, tornando os trabalhadores, os agentes desse processo histórico.

Para Fontes (2008), ao estudar o deslocamento de trabalhadores migrantes da região Nordeste para São Miguel Paulista, no extremo da zona leste da cidade de São Paulo, os sujeito na condição de migrante, não estão simplesmente à mercê dos aspectos econômicos, sendo vítimas de processos impessoais, mas são protagonistas da sua própria história, com suas trajetórias, articulações políticas, sociais e culturais.

Não há dúvidas sobre a importância desse quadro socioeconômico como pano de fundo do processo migratório e do desenvolvimento brasileiro. Entretanto, a supervalorização dos fatores econômicos acaba por perder de vista o papel dos próprios migrantes enquanto agentes envolvidos nesse processo. Em muitos desses estudos, os migrantes são vistos apenas como cifras, como força de trabalho que se transfere passivamente das regiões menos para as mais desenvolvidas. Os migrantes rurais nordestinos não eram apenas reflexo de forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas. Eles também foram agentes do seu próprio movimento e dessa forma, através de estratégias diversas, contribuíram na moldagem do processo migratório (Fontes, 2008, p. 54)

Desta forma, faz-se necessário o olhar para os deslocamentos pela ótica dos trabalhadores, nos fazendo compreender, através das memórias trazidas em suas narrativas de sentimento, o que pensavam, desejavam e os sentidos que davam as suas ações. Para Bosi, nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida (2004, p. 37).

São relatos que emergem do cotidiano ativo e da ação pulsante da experiência migratória destes agentes, mantendo vivas as práticas do lugar de origem, que perpassam os que ficaram e os que partiram, e que além de ser alicerce, reorganizam o espaço, colorindo o cotidiano cinza da metrópole e, neste caso, o intenso trabalho dos pedro-segundenses nos restaurantes.

Além disso, a escolha da profissão dos garçons pedro-segundenses não é feita por mera coincidência ou conveniência, ela acontece por meio de uma ampla rede de solidariedade entre familiares e conterrâneos, que já trabalham na metrópole, e os auxiliam no dia a dia, indicando-os para os patrões. Ademais, antes de se tornarem

garçons de fato, os trabalhadores começam a trajetória nos restaurantes, na cozinha, lavando pratos ou no salão, auxiliando os garçons, sendo os chamados *cumins*.

Para grande parte dos migrantes, tornar-se garçom além de meta, é um desejo para os recém-chegados, seja pela vestimenta arrumada e limpa, que contrasta com o trabalho precário do campo deixado para trás, ou outros atrativos que mobilizam a inserção especificamente nesta profissão. Sendo eles: o estudo não ser um requisito primordial, o trabalho ser considerado menos braçal em relação ao da construção civil, possuir maiores chances de mudar de cargo, além do local já oferecer a comida aos funcionários e, principalmente, o acréscimo de salário pago pelos 10% e as caixinhas dos clientes.

Contudo, a vontade de se tornar garçom, e o *glamour* dos restaurantes frequentados pela elite paulistana, esconde na prática, um dos ambientes de trabalho braçal mais naturalizados em desprestígio social, invisibilidade, precarização e exploração, na maior e mais rica cidade do país, sendo referência no ramo da culinária global.

Para Sayad, nas suas análises primordiais para se compreender as contradições acerca da imigração de argelinos para a França, particularmente em Paris, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina, a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território, o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa (Sayad, 1998, p. 16), desta forma, a metrópole os confisca a um lugar complexo e desigual, assim como no trabalho dos migrantes de Pedro II nos restaurantes em São Paulo.

São, portanto, trabalhadores migrantes que desde a juventude, são recrutados e seduzidos em seu lugar de origem, seja pela narrativa de sucesso dos que foram antes, seja pelo anseio de superar a pobreza, e acabam submetidos a um processo intensivo de exploração da força de trabalho na metrópole, com longas jornadas de horário, informalidade, alimentação e alojamentos precários, formas de discriminação e xenofobia, entre outros estigmas e violências. Isto porque, seguindo as categorias definidas por Elias e Scotson (2000), os trabalhadores que migram, se tornam *outsiders*,

enquanto que longe do lugar de origem, são pessoas que em trânsito, acabam vistas sem uma clara identidade social pelos estabelecidos, sendo mais vulneráveis para a estratégia de dominação, presente no trabalho escravo contemporâneo.

Para compreendermos as dinâmicas entre os lugares de origem e de destino dos trabalhadores, seguimos o caminho de análise de uma Geografia crítica, indo além da materialidade de certa localização específica, mas sim do conceito de lugar. Junto às contribuições de autores, como Milton Santos, o lugar se apresenta como sendo constituído das relações e fluxos de informações e comunicações, entre o global e o local, implicando interações que atravessam fatores econômicos, políticos e culturais. Portanto, são lugares socialmente construídos e vivenciados, e em constante transformação cotidianamente. Segundo Schneider (2014),

A cada ponto ou local de interseção das redes horizontais e verticais sobre a superfície do planeta, portanto, origina-se um lugar, o que confere ao todo da globalização um caráter fragmentário originando tanto a inclusão quanto exclusão dos espaços conforme a correlação de forças dos seus componentes sociais e econômicos (Schneider, 2014, p. 66)

Desta forma, ressaltamos que o migrante não é refém das dinâmicas sociais e excludentes da metrópole. Ele descobre, cria e ressignifica sentidos, símbolos, práticas e estratégias nesse novo lugar. Como aponta Santos (2006),

O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo, concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história (Santos, 2006, p. 224)

Nesse sentido, buscamos neste artigo, uma análise que percorra os caminhos escolhidos pelos agentes para despistar a pobreza do lugar de origem, na sedução de uma São Paulo aliada à expansão do capital, que transpirava progresso e modernização na década de 1980, fruto da construção histórica do ideário de modernização no Brasil, como na América Latina, sobretudo no século XX, que relacionava

desenvolvimento ao processo intenso de industrialização. O período é importante, pois a região Nordeste vivenciava problemáticas relacionadas às secas, em meio à efervescência política, que marcava o fim da ditadura e a redemocratização do país, impulsionando o deslocamento dos trabalhadores rurais.

Para tanto, escolhemos a metodologia da História Oral, que, segundo Alberti (2004),

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu e, por isso dá a vida, as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio a conjunturas, e meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem, enfim (Alberti, 2004, p. 14)

Buscamos nos relatos de memória dos trabalhadores, os elementos relacionados às questões subjetivas dos sujeitos, que, para Portelli (2016, p. 20), se constrói, na verdade, não como um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado. Como as motivações, expectativas e estratégias, que levaram estes jovens a saírem de suas casas no município rural, e trilharem um caminho desconhecido em direção à metrópole de São Paulo, o lugar idealizado e imagético, que atrai ao mesmo tempo que ilude, segregando e explora, amparados pelo desejo de retorno com melhores condições de vida.

2. Redes que movimentam: o lugar de origem na bagagem

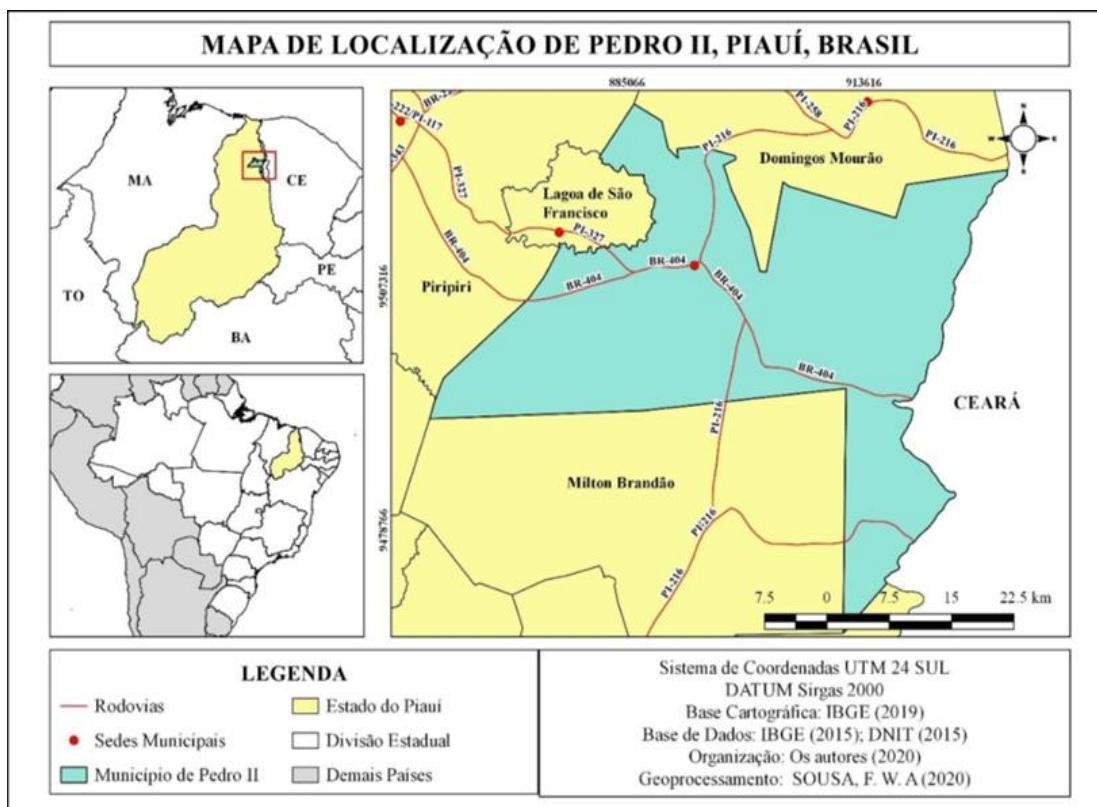
O município rural de Pedro II, foi fundado por portugueses e emancipado em 1854, está localizado na Serra dos Matões, ao norte do estado do Piauí, cerca de 200 km da capital Teresina. É reconhecido pela sua natureza e pelo clima serrano mais ameno da região, sendo apelidado como a “Suiça Piauiense”.

Com a Sede Municipal a 630 m de altitude, as temperaturas durante o período mais chuvoso podem oscilar de 20° C a 16° C. Com isso, o município não segue o

estereótipo e estigma de ser um local seco e sem chuvas, quase que inabitável, conforme retratado na maior parte do sertão piauiense.

O turismo do município é marcado por painéis de sítios arqueológicos catalogados, além de trilhas e cachoeiras. O artesanato é reconhecido pela tecelagem e produção de redes de dormir, a gastronomia é muito influenciada pelo retorno dos trabalhadores de restaurantes em São Paulo, e a extração mineral da raríssima pedra Opala e a produção de joias, são as atividades que contribuem para o desenvolvimento da economia local atualmente.

Figura 1: Mapa do município de Pedro II e municípios vizinhos



Fonte: IBGE (2015; 2019); Dnit (2015). Geoprocessamento: (Sousa, 2020).

Os municípios que fazem fronteira com Pedro II, como Domingos Mourão ao norte e Piripiri a oeste, são lugares de origem de muitos que migram também para trabalhar em São Paulo como garçons, visto que é comum nos processos migratórios, as pessoas de municípios e povoados próximos, se juntarem com amigos e parentes para planejarem e fazerem o deslocamento juntos.

Seja pelo retorno de férias ou de forma definitiva, de parentes e amigos migrantes, munidos pelo “aliciamento familiar” e as “narrativas de convencimento”, muitos jovens saem de casa rumo à metrópole paulistana. Ao chegarem na cidade, com a ajuda dos conterrâneos e uma ampla rede de indicações, a maioria destes trabalhadores, se inserem nos restaurantes de alta gastronomia de diversas culinárias de diferentes países, localizados nos bairros nobres de São Paulo, tornando a presença dos pedro-segundenses conhecida por quem frequenta os locais.

Quando fui a campo, em Pedro II, entrevistar os migrantes retornados, a resposta era unânime sobre o que definia a partida. “São Paulo? Terra de oportunidades!”, a oportunidade de uma vida melhor era a motivação que mobilizava o deslocamento e que vai no caminho oposto da construção imagética estigmatizada, dos retirantes no sertão nordestino, que seria nutrida e movida pelo desespero, despreparo, fugas e desorganização.

Ao compreendermos o deslocamento da população rural para os centros urbanos, através da experiência migratória, fica evidente que antes da partida física de fato, o projeto de vida familiar, envolve metas, expectativas, vontades, medos e estratégias de como concretizar a ida, viver a nova vida no lugar de destino e poder retornar com sucesso, tudo isso mediado pelas relações de solidariedade de parentesco e amizade. As redes de migração são relações sociais e culturais, regadas com um amplo senso de comunidade pelo lugar de origem, formadas antes mesmo do deslocamento físico, e cumprem um papel central na migração.

Neste caminho, Durham (1978), ao também analisar a vida no contexto rural e a partida para a metrópole de São Paulo, reflete sobre o espaço social da migração.

Nenhuma migração pode ser compreendida exclusivamente como um deslocamento geográfico. As migrações representam também uma movimentação no universo social e é deste ponto de vista que elas nos interessam de modo particular. Mesmo porque, a própria definição do espaço e do ambiente geográfico é condicionada culturalmente. É através da cultura tradicional, vivida na experiência pessoal, que o trabalhador rural concebe o mundo exterior (Durham, 1978, p. 136)

Os estudos de comunidades rurais nos mostram como, nas relações primárias, a família é a principal estrutura de organização social, onde as relações pessoais constituem também a atividade econômica. Desta forma, o deslocamento não desintegra a família que fica, pois ela permanece através da manutenção e interação dessas relações de sociabilidade e solidariedade, que se estendem também ao novo lugar de destino, para o migrante conseguir se fixar e viver de forma mais prática no contexto metropolitano de São Paulo.

A migração foi explicada como uma tentativa de mobilidade social, isto é, como resposta a problemas criados pela estrutura da sociedade nacional e que são fundamentalmente econômicos. Entretanto, a organização familiar da vida rural leva à colocação do problema da mobilidade em termos da família. Assim, a migração, que aparece como solução para problemas que afetam a família e tendem a ser resolvidos em termos familiais, é um processo condicionado pelo tipo de organização da sociedade rural (Durham, 1978, p. 128)

Assim, desmistificando a suposta passividade dos agentes dentro dos deslocamentos, Menezes (2002) aponta que o contato com os conterrâneos é essencial, e além de facilitar a adaptação do novo migrante no seu destino, constitui a identidade da comunidade de origem, em conjunto com a percepção de si e outros valores adquiridos ao longo da experiência migratória.

Por meio das redes de migração, a difusão de informações é intensa e contribui para amenizar as incertezas que possam surgir pelo caminho. Elas abrangem, por intermédio dos que partiram antes, desde indicações sobre o mercado de trabalho e qual a melhor profissão a seguir no lugar de destino, até compartilhamentos de moradia e formas de lazer, lugares esses, onde a presença dos conterrâneos é constante e favorece a integração da nova vida na cidade. E é principalmente na narrativa dos migrantes que percebemos a importância central dessas relações sociais.

Na mesma casa em que nasceu, na divisa entre os municípios rurais de Domingos Mourão e Pedro II, nosso primeiro entrevistado narrou com riqueza de detalhes, durante cerca de uma hora, sua trajetória de vida, junto ao sentimento de orgulho da travessia feita em busca de trabalho e superação da pobreza. Francisco das

Chagas Silva tem 57 anos, migrou para São Paulo em janeiro de 1987, e dos seus 7 irmãos, 6 seguiram o mesmo caminho anos depois. A trajetória profissional na metrópole começou aos 18 anos, lavando pratos em um restaurante italiano, depois foi *cumim*, garçom, *maitre* e gerente. Em 2021, durante a pandemia de Covid-19, e sem perspectiva de trabalho, retornou para a terra natal. Ele começou a entrevista contando como era o cenário de pobreza no contexto rural em que vivia com a família e como se organizou para partir.

Então, eu, eu, na verdade, comecei a pensar mesmo em ir era 1985 pra 86. Diante das dificuldades, né? Trabalhava na roça, no campo, e aí você trabalhava pra família, você não tinha salário. Antigamente, as pessoas trabalhavam de diária de roça, mas lá em casa a gente trabalhava só pra nós mesmos. A filosofia do papai era essa. E aí o que mais pegava, era que você ia ficando rapaz, pra ir nos movimentos, nas festas, começava a namorar, e aí não tem roupa, não tem dinheiro. É uma situação muito difícil. E aí que me impressionava muito, os caras que chegavam de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nossa, parecia que estavam vindo de outro planeta! Porque a gente naquela pindaíba, aí de repente o cara chegava branco, o cara mudava até a cor! O cara saía daqui queimado do sol da roça, e depois de um ano ou dois anos, o cara chegava aqui bonito, com dinheiro, namorava com as meninas mais bonitas. Nossa, aquilo pra nós era o que motivava, então eu vou pra São Paulo também! Aí, quando foi dia 2 de janeiro de 1987, eu viajei, uma dificuldade danada porque não tinha dinheiro, até pra arrumar o dinheiro da passagem foi difícil. Mas aí teve um veterano já de São Paulo que estava aqui e eu perguntei: rapaz você não me levaria não se eu arranjassem o dinheiro da passagem? Aí com muito sacrifício, eu vendi uma bicicleta que eu tinha, e naquele tempo, quem tinha bicicleta era que nem ter uma Hilux hoje. Aí vendi mais uns porquinhos que eu tinha e arrumei o dinheiro (Francisco, 2024)

O relato de Francisco revela as condições de trabalho árduas no contexto rural de miséria a que era submetido. O retorno de outros migrantes, e a narrativa de convencimento ao acesso a bens de consumo, é visto como uma prova palpável da melhoria de vida na cidade, e reforça a vontade de sair daquele local sem perspectivas, mesmo sendo em direção a um destino nunca visto, somente imaginado por ele. Desta forma, existe um encantamento na fala de Francisco, a sedução da travessia, com o novo e com o campo de possibilidades que a cidade grande representava. A ida para São Paulo seria uma forma de escapar daquelas alternativas de sobrevivência precária e exploradoras.

Já Antônio Barbosa, nosso outro entrevistado, é um migrante retornado de 54 anos, que após morar em São Paulo e ser garçom por 17 anos, voltou para Pedro

II e possui um mercado no município, sonho antigo da família. O relato de Antônio, também reforça o que tem sido discutido acerca da migração se tratar de um projeto organizado previamente, e que a rota segue o caminho que parentes e amigos já percorreram antes, onde o migrante não circula pelo desconhecido, mas refaz caminhos.

Fui pra São Paulo pra mudar de vida. Aqui eu trabalhava na roça e vivia, às vezes a gente plantava e não dava nem pra comprar as chinelas, né? Então, a gente procura sempre o melhor, né? A minha irmã já morava lá, mas no começo eu peguei minha malinha e fui para a pensão. Rapaz... Naquele tempo só tinha Itapemirim, a gente já foi direto pra casa do pessoal daqui que morava lá. Na pensão era todo mundo daqui, todo mundo daqui, sabe? E logo comecei a trabalhar. Eles falavam, rapaz, aqui você almoça, janta. Ficava na Teodoro Sampaio, em Pinheiros, próximo ao Hospital das Clínicas. Arrumaram uma caminha pra mim, sabe? Eram 3 beliches. Eu fui muito bem recebido, mas era difícil (Antônio, 2024)

Percebemos que a articulação elaborada pelos pedro-segundenses seguia uma teia de cooperação e informações formadas no município piauiense, com os membros da comunidade, recheadas de desejos e vontades, e se tornava a base fundamental para a organização da nova vida na metrópole. Seu papel é nítido também após a chegada, quando se apresentam nas formas de morar, que vão muito além de somente um local de recepção, mas se torna um dos principais lugares de sociabilidade e trocas de informações entre os migrantes, visto que a grande maioria mora e trabalha com pessoas do mesmo lugar de origem.

Eu tive uma fase em que eu ajudava muita gente. Ia um cara daqui e o pai dele já mandava um bilhetinho pra me entregar lá, já me recomendando e agradecendo. Muitos eu levava pra minha casa, aí ficavam lá um tempo. Depois arrumava trabalho, vários... Fiz isso com muita gente. Era uma coisa de ser conterrâneo e aí você vê as dificuldades que você passou, aí você fica com aquela vontade de ajudar. Quando eles me procuravam pra pedir ajuda, eu ensinava muita gente. Levava pra trabalhar comigo, ou quando eu arrumava em outro lugar, com algum colega meu, aí esses meninos, eu ensinava, eu treinava eles antes lá em casa (Francisco, 2024)

A análise dessas relações sociais que resistem em meio às dinâmicas de exclusão da metrópole se constrói diante de diversas experiências, como nas práticas do cotidiano (Certeau, 1994), em estratégias e formas de resistência (Scott, 2013) dos migrantes e suas famílias. Nesse sentido, enfatizamos o olhar “a partir de baixo”, proposto pioneiramente por Thompson (1998), que se aplica na necessidade de nos

opor a uma visão espasmódica e estruturalista, mas sim introduzindo um pensamento ético no estudo da vida econômica dos sujeitos, compreendendo que as condições do capital não determinam estritamente as práticas sociais e culturais de classe. Sendo assim, partindo de uma análise que percorra a vida dos trabalhadores para além do espaço de trabalho, concebendo o comportamento econômico a partir dos valores morais e normas culturais, evidenciando as histórias de vida por trás dos grandes processos econômicos que nos cercam.

3. Ser garçom: da idealização à realidade de exploração dos restaurantes

No movimento de análise de investigação, para além de uma teoria sobre a história global do trabalho tradicional, constantemente baseada na visão eurocêntrica e estática acerca da classe trabalhadora organizada, Linden (2012), ressalta que,

não se foca só no trabalho livre, mas também no trabalho não-livre, na escravidão. Não olhamos para a classe trabalhadora apenas como um conjunto de indivíduos, mas para todas as relações sociais, os processos migratórios, as divisões de gênero, o trabalho doméstico; tudo isso é essencial. Portanto, é uma definição muito mais ampla do que aquela em que se focavam tradicionalmente os historiadores da Europa e Estados Unidos, que centravam a sua investigação nos trabalhadores organizados (Linden, 2012, p. 115)

Assim, nos possibilitando problematizar as relações de trabalho consideradas às margens do trabalho não livre, o que no Brasil é reconhecido como escravidão contemporânea. No contexto urbano, o trabalhador se depara com uma dinâmica que apresenta questões de pertencimento e adaptação, que precisam se construir e se recriar, neste lugar marcado pela desigualdade social, como é o caso dos restaurantes.

Basta realizarmos uma rápida pesquisa em sites de guias gastronômicos ou matérias de jornais e revistas, sobre os trabalhadores em restaurantes de São Paulo, que encontraremos inúmeras narrativas e “histórias de sucesso”, sendo os migrantes da região Nordeste, os protagonistas e vencedores, na suposta corrida em busca de um lugar de destaque, neste disputado ramo de trabalho na metrópole.

Figura 2: Capa da Revista Veja São Paulo de 31 de agosto de 2011



Fonte: Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/consumo/capas-de-veja-sao-paulo-2011>.
Acesso em 05 de jan. de 2025.

O que a capa e a matéria acima, sobre os pedro-segundenses, realizada pela Revista Veja São Paulo em 2011, nos vende, com o sorriso dos trabalhadores, retrata o sonho de muitos migrantes de Pedro II, como vestir uma roupa adequada, bonita e limpa, cumprindo as etiquetas de um restaurante. A posição de cima para baixo expõe a hierarquia com os gerentes e *maitres* acima dos garçons, mas também representa uma equipe, que, como um time de futebol, é uma aspiração de que um dia podem chegar ao topo e em melhores cargos.

Contudo, para além da glamourização dos restaurantes da alta gastronomia, a capa imponente esconde que nos últimos tempos, vemos ascender o número de denúncias de trabalho escravo contemporâneo nesse setor, cenário onde a presença

de migrantes da região Nordeste é notável, o que nos permite problematizar as suas nuances nas narrativas dos entrevistados desta pesquisa, entrecruzadas com um conjunto de dados e informações divulgados em veículos de comunicação e instituições públicas de fiscalização, acerca de diversas funções desempenhadas pelos trabalhadores nos restaurantes paulistanos.

Eu engordei ligeiro trabalhando na pia, comendo o resto de comida que voltava da mesa dos clientes. A questão de servir tem dois lados. Você encara como uma profissão, mas esse meio é muito complicado, porque querendo ou não, você é um serviçal, você está ali, e você não tem um lazer como as outras pessoas têm, porque no final de semana você tem que estar lá trabalhando. Eu trabalhei mais de 30 anos em restaurante em São Paulo, e metade desse tempo foi sem registro, porque tem muitos lugares que não registram, entendeu? Os patrões que te contratam, recolhem seu fundo de garantia, mesmo que registrado, aí não depositam, entendeu? Aí, quando você vai sacar, não tem nada. São muitas horas de trabalho, em restaurante você não recebe hora extra. O uniforme você tem que levar todo dia pra casa e lavar. Tem que manter as despesas, tudo pela sua conta. Tem empresa que leva a sério, mas a maioria é exploração total. Mas o sonho do cara é trabalhar no salão, né? No salão, você trabalha bonitinho, vestidinho de roupa de garçom, gravatinha e aquela história toda. Pra gente nordestino que sai daqui, é uma profissão que salva a gente! Porque você chega lá e já começa a trabalhar, ganha um dinheirinho, e sempre com essa solidariedade com os colegas, né? Pedro II é um exemplo, eles saem daqui com o emprego arrumado, têm essa facilidade (Francisco, 2024)

Para Francisco, ser garçom ia no caminho oposto do migrante nordestino estigmatizado, como sendo esfarrapado, mal vestido, magro e, portanto, feio. Ser garçom também era uma forma dos migrantes desestruturar estereótipos reforçados acerca da aparência do sertanejo e o contexto de miséria no meio rural. Além disso, seu relato apontou condições precárias, como as longas horas de jornada de trabalho, na luta para sobrevivência, que, na verdade, é a indiferença do grande capital, não existindo interesses outros acima dele.

O artigo 149 do Código Penal brasileiro de 1940, estabelece os elementos que caracterizam a redução de uma pessoa à condição análoga à de escravo na contemporaneidade, onde a pessoa é submetida a situações que violam sua dignidade e liberdade, sendo tratada como objeto de exploração extrema. São as situações de trabalho forçado: quando a pessoa é obrigada a trabalhar contra sua vontade, sob ameaça, coação ou violência; a jornada exaustiva: quando o trabalho exige um esforço

físico ou mental desproporcional, prejudicando gravemente a saúde ou a segurança do trabalhador; condições degradantes de trabalho: quando o trabalhador é submetido a ambientes ou práticas que comprometem sua saúde; segurança e dignidade: como falta de higiene, alimentação inadequada, alojamentos insalubres; restrição de locomoção por dívida: quando o trabalhador é impedido de se desligar ou sair do local de trabalho devido a dívidas impostas pelo empregador, entre outros.

Os dados oficiais das ações fiscais do governo no combate ao trabalho escravo contemporâneo estão disponíveis no Painel de Informações e Estatísticas da Inspeção do Trabalho no Brasil, no site do Radar do Trabalho Escravo da Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT)⁴. A quantidade de trabalhadores resgatados nestas condições, na categoria da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE), dos Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas, no ano de 2023 na cidade de São Paulo, chegou ao número de 63.

Em abril de 2024, um levantamento da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, criticou a romantização feita acerca da gastronomia paulistana e do reconhecimento de restaurantes mundo afora, que acabam por esconder a condição de seus trabalhadores, e traz a denúncia de 15 funcionários em situação análoga à escravidão em um restaurante japonês de São Paulo⁵. Já no segundo semestre de 2024, 4 restaurantes paulistanos de sushi também foram denunciados⁶, e compõe a “lista suja” do Ministério do Trabalho e Emprego⁷.

Outro caso de grande repercussão da lista, aconteceu através de uma força tarefa do Ministério Público do Trabalho (MPT) em São Paulo, Superintendência Regional do Trabalho em São Paulo e a Polícia Federal, chamada “Operação Sushi

⁴ Disponível em: <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

⁵ Disponível em: <https://abet-trabalho.org.br/denuncias-de-escravidao-revelam-lado-obscur-o-da-gastronomia/>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/lista-suja-trabalho-escravo-4-sushi-sp>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

⁷ A Lista Suja do Trabalho Escravo foi criada em 2003, por meio de uma portaria do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A lista é um instrumento do governo federal que visa combater o trabalho análogo à escravidão no campo e na cidade, sendo atualizada semestralmente, incluindo quem são as empresas condenadas em operações de resgate de trabalhadores nestas condições no país.

Paulistano”, que realizada em 2022, resgatou 17 pessoas em situação análoga à escravidão em restaurantes na zona norte de São Paulo, todas eram migrantes dos estados da Paraíba e do Piauí⁸. As condições dos trabalhadores envolviam longas jornadas de trabalho sem receber por horas extras, não possuíam registro em carteira de trabalho e viviam em alojamentos precários fornecidos pelos próprios estabelecimentos.

Os casos envolvem pequenos e grandes nomes do empresariado brasileiro, nos diversos tipos de culinárias estrangeiras. Rosso (2024), analisa as relações de trabalho no Grupo Madero, uma rede de restaurantes brasileira, e sua trajetória de acumulação de riquezas, que através do recrutamento para alojamentos e a exploração de mão de obra de jovens migrantes de cidades interioranas, das regiões Norte e Nordeste, reafirma as estratégias de controle sobre o trabalho nos dias atuais. Segundo a autora,

Essa análise desemboca em dois aspectos centrais que estão inter-relacionados: de um lado, o perfil político e étnico dos fundadores e proprietários majoritários da empresa, a família Durski; de outro, o perfil da sua força de trabalho predominante: juvenil, regionalizada e migrante. Aspectos do caráter estrutural da burguesia e do mercado de trabalho no Brasil estão articulados, nesse caso, de uma forma particular e reciclada no presente, nos termos da questão étnica/racial e da questão regional. Assim, podemos dizer que a trajetória de Júnior Durski e do Grupo Madero é permeada por traços centrais da constituição da história brasileira: passado colonial, migração de trabalhadores e exploração da Amazônia (Rosso, 2022, p. 20)

Os casos de escravidão contemporânea nos restaurantes também acontecem com imigrantes de outros países⁹. São trabalhadores que buscam no Brasil melhores condições de vida e oportunidades de emprego, mas, em muitas vezes, são agenciados, havendo a escravidão por dívida, como foi o caso de venezuelanos em um restaurante

⁸ Disponível em: <https://www.prt2.mpt.mp.br/1009-forca-tarefa-resgata-17-trabalhadores-em-situacao-analoga-a-escravidao-em-restaurantes-de-sushi>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

⁹ Disponível em: <https://www.prt2.mpt.mp.br/1073-restaurante-em-santo-andre-e-condenado-por-manter-trabalhadores-em-condicoes-analogas-a-escravidao>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

de Sorocaba¹⁰, e os chineses em pastelarias no Rio de Janeiro, presentes no artigo de Figueira et. al. (2013).

Neste artigo, os autores, ao analisarem a presença de imigrantes chineses no Rio de Janeiro e a inserção deles no trabalho em pastelarias, indicam que, neste caso, a escravidão parece ressurgir com outra roupagem. Os trabalhadores, na maioria das vezes agenciados no lugar de origem, para conseguirem pagar a dívida adquirida, são sujeitos a condições de trabalho degradantes, com longas jornadas de trabalho informal, onde a experiência migratória se entrelaça a elementos dúbios de solidariedade e exploração, ajuda e aprisionamento (Figueira et. al, 2013, p. 103).

Além disso, a questão racial se torna outro elemento de exclusão no trabalho dos restaurantes e no cotidiano da cidade, profundamente relacionado com elementos históricos sociais estruturantes da sociedade brasileira, condições cuja origem remete ao período colonial.

Nosso próximo entrevistado se chama José Lima Araújo, de 60 anos. Por ser um homem negro, junto de suas percepções e vivências, relata a sua trajetória de garçom na metrópole paulistana, perante a desigualdade racial presente em seu cotidiano. José migrou para São Paulo em 1981, trabalhou durante 30 anos como garçom em restaurantes. Atualmente, vive no município rural de Domingos Mourão, vizinho de Pedro II, e possui uma loja de artigos para motos. Ele começou a entrevista contando como foi a chegada em São Paulo e a inserção nos restaurantes.

Meu irmão me mandou grana, eu não tinha dinheiro para nada. Meu irmão Nonato já morava lá. Eu lembro de tudo, está tudo marcado, como um filme na minha cabeça. Tinha um cara na rodoviária que vendia laranjas descascadas, sabe? E quem comprava aquelas laranjas já era um classe média dentro daquele busão, porque ninguém tinha. Foi uma novidade. Maçã? Eu não conhecia maçã. Eu tinha 18 anos, eu nunca tinha visto uma maçã na minha vida. Quando cheguei na rodoviária em São Paulo, foi uma das maiores chuvas que eu já vi na minha vida. Na minha primeira entrevista de emprego, foi engraçado. Eu fui pedir emprego, né? Eu conto isso e é verdade. Todos os caras já ganhavam a gravata, o paletó, o sapato e a peitoral. Mas o cara não me deu, ele não me deu nada. Isso foi lá no Rubayat, o espanhol chegou e disse: E tu tem dinheiro pra comprar as roupas? Eu falei que tinha e ele disse que me daria uma chance. Vem

¹⁰ Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202402/mte-encontra-seis-imigrantes-venezuelanos-em-situacao-irregular-de-trabalho-em-sao-paulo>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

amanhã e traz as roupas todas! Ele disse. Sendo que todo mundo ganhava roupa, ele tinha o sistema de dar as roupas, ou seja, isso aqui não ajuda, essa pigmentação aqui não ajudava, né? Tanto é que um dos gerentes de lá mesmo, do Rubayat, quando voltei a primeira vez de férias do Piauí, disse que se eu tivesse ficado mais alguns dias aqui, não poderia trabalhar mais no restaurante, porque eu estava muito preto. Isso é racismo, né? Hoje eu vejo como racismo (José, 2024)

José relatou o deslocamento atrelado ao cenário de pobreza ao qual pertencia no lugar de origem, que era muito semelhantes à de outros entrevistados, entretanto, se diferencia ao ressaltar o racismo que sofreu desde o momento da primeira entrevista de emprego para ser garçom, evidenciando a condição de marginalidade da população negra, onde a subalternidade e vulnerabilidade não permitia ver o racismo que sofria, junto as condições precárias de trabalho ao qual foi imposto, sendo até mesmo forçado a pagar pelo uniforme que é um instrumento básico de trabalho.

Além disso, trabalhar nos restaurantes de alta gastronomia, com pratos e chefs renomados, não significava aos garçons, que se alimentariam adequadamente durante o expediente. Semelhante ao caso de uma churrascaria em São Paulo, multada por deixar seus trabalhadores passando fome¹¹, José narrou a verdadeira refeição que comiam, para além das refinadas que serviam.

Você serve as pessoas sentindo fome. Trabalhei em restaurante que a comida da gente era pé de frango. Todo mundo enfrentou essa barra, com fome e servindo os malucos, né? Eu doido pra tomar um Chopp! No Rubayat mesmo, o camarão que sobrava... Você só olhava pro lado e comia. Quando o camarão era grandão, mandava 4 ou 5, às vezes o cara comia 3, sobrava 2 ou 1. Você já ia olhando pro lado. Tinha os quindins que a gente colocava no bolso e ia comer no banheiro. Era cada coisa, com fome, né? Lá mesmo, a comida era tão ruim, tão ruim que a gente era capaz de comer uma bolacha, né? Eu ia no Pão de Açúcar que era na esquina e comprava um litro de leite pasteurizado, cansei de comprar, eu só cortava no canto e sentava na calçada, os colegas davam risada, rolavam de rir. Acredita? Porque a comida dos funcionários era horrível. Era melhorzinha às vezes a janta, porque eles juntavam aquilo que sobrava do almoço pra fazer pros garçons. Muitas vezes aquilo que sobrava da Paelha do almoço, juntava tudo e esquentava numa panela grande e botava pros funcionários. A comida decente lá era essa. Que eram as sobras, né? (José, 2024)

¹¹ Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/justica/2024/01/churrascaria-de-sao-paulo-e-investigada-por-trabalho-escravo/>. Acesso em 05 de jan. de 2025.

José relatou a frustração marcada pelo abismo social de estar servindo junto ao desejo de poder consumir aquilo que era vendido por ele. Nesse sentido, as estratégias adotadas eram comer as sobras das comidas que os clientes devolviam. Mas além da fome e dos constrangimentos, Antônio relatou as falas dos patrões, que em sua grande maioria, eram estrangeiros ou descendentes de europeus no Brasil, sendo repletas de humilhações e xenofobia.

É engraçado que quando o patrão pega cara, um nordestino, ele gosta, entendeu? Meu ex-patrão dizia que é um pessoal que encara mesmo, abraça a causa e faz acontecer. Já sabe como é o esquema. Pessoal de São Paulo quer o final de semana folgar, não dá um trabalho legal, dá muito cano, aí eles preferem a gente. Mas a gente era discriminado, sabe? Os garçons não eram chamados pelo nome, eles botavam... Os próprios patrões e os clientes botavam os apelidos. Chamava de Piauí, de cearense, de aí... Aí até nós se chamava entre a gente mesmo, entendeu? Não chamava pelo nome. Nossa, meu terceiro patrão, eu tinha um pavor dele, eu tinha o maior medo. Ele apavorava a gente. Ele era muito ignorante, sabe? Tipo, ele plantava o terror nos funcionários. Eu era um que morria de medo dele (Antônio, 2024)

Já o relato de Antônio, na verdade, revela que a escolha dos patrões pelos trabalhadores da região Nordeste era uma preferência disfarçada de exploração. E é nesse contexto, na busca de uma vida melhor, entre o *glamour* dos pratos refinados da elite paulistana, que as vivências dos migrantes que os servem, nos mostram que dentro dos restaurantes e do lado de fora, na metrópole, a necessidade de delimitação de espaços é evidente, ao colocar os garçons estigmatizados como *outsiders*, seja pela função que exercem ou pelo seu lugar de origem.

4. Considerações Finais

Atraídos pela celeridade e as chances de melhoria de vida na metrópole, os deslocamentos resultaram na transformação de migrantes rurais, em sua maioria da região Nordeste do país, em trabalhadores industriais na cidade, o que também está associado a formação histórica de desigualdade regional, sendo intencional e primordial para novas condições de exploração dos trabalhadores e o acúmulo de capital de grandes empresas na região Sudeste.

Entretanto, a migração e o trabalho como garçons em restaurantes de São Paulo se tornam um fenômeno social complexo, para além da dimensão econômica

retratada pela historiografia tradicional. Ao analisarmos como as redes de migração funcionam nos deslocamentos, mostrou-se que os pedro-segundenses são agentes orientados pela solidariedade e cooperação, munidos pelo sentimento de pertencimento ao mesmo lugar de origem, dentro da experiência migratória. Além disso, ser garçom vai além da necessidade prática da melhoria de vida pelo viés econômico, mas constitui o imaginário, a identidade e as subjetividades dos migrantes de Pedro II e suas famílias.

O cotidiano acontece em meio ao lugar de segregação social e exploração da metrópole, que não garante uma São Paulo idealizada, junto das peculiaridades do trabalho nos restaurantes, com condições decorrentes e impostas pelo modo de produção capitalista, nos moldes da escravidão contemporânea.

Contudo, este artigo se dedicou a demonstrar, que os trabalhadores migrantes não estão totalmente submetidos ao contexto econômico imposto, mas são agentes que articulam suas práticas sociais, estratégias e os desafios, os quais são superados ao passo que o desejo de retorno para a terra natal se concretiza. Vale ressaltar que nos relatos, ficou evidente o quanto os migrantes questionavam a condição imposta e reconheciam o trabalho precário que serviam à elite paulistana.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

ARAÚJO, José Lima. Entrevista concedida em setembro de 2024. Domingos Mourão, Piauí.

BARBOSA, Antônio. Entrevista concedida em outubro de 2024. Pedro II, Piauí.

SILVA, Francisco das Chagas. Entrevista concedida em outubro de 2024. Pedro II, Piauí.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, I:** as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade.** São Paulo: Perspectiva S.A., 1978.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jhon L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende; SUDANO, Suliane; GALVÃO, Edna. Os chineses no Rio: a escravidão urbana. **Brasiliana, Journal for Brazilian Studies**, v. 02, n. 02, nov., 2013.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo:** trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 1980:** Características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

LINDEN, Marcel. v. d. L. As greves não estão diminuindo, provavelmente estão se tornando mais importantes (entrevista). **Outubro**, São Paulo, n. 20, p. 111-121, 2012.

MARTINE, George Roger. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80.** Brasília: IPEA, 1994.

MENEZES, Maria Aparecida de. **Redes e Enredos nas trilhas dos migrantes:** um estudo de famílias de camponeses migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa, PB: EDUFPB, 2002.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROSSO, Kelem G. **Trabalhando no Madero:** da condição juvenil de seus trabalhadores à trajetória de acumulação de riquezas de uma família. São Paulo: Ed. Fino Traço, 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2006.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. **Ágora**, v. 17, n. 1, p. 65, 30 set., 2015.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos**. Lisboa: Letra Livre, 2013.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.